

---

# O Espírito do Cristianismo e o seu Destino

G. W. F. Hegel \*<sup>1</sup>

Com a coragem e a fé de um homem divinamente inspirado, que será chamado pelas pessoas ilustradas de visionário, Jesus apareceu entre o povo judeu; ele apareceu novo em um espírito próprio, o mundo ficou diante dele como ele devia ser, e a primeira relação na qual ele mesmo se colocou perante o mundo foi a de ser chamado a tornar-se outro, ele começou, com isso, a chamar todos: convertei-vos, pois o Reino de Deus está próximo; a centelha da vida tinha adormecido nos judeus, assim ela tinha necessidade apenas de um sopro, para arder em chamas, a qual tinha queimado todos os seus títulos e pretensões miseráveis; na sua inquietação e descontentamento com a efetividade, eles tinham necessidade de encontrar algo de mais puro nele, assim

---

<sup>1</sup> Tradutor: Adilson Felício Feiler, SJ, Doutorando em Filosofia pela PUCRS. E-mail: feilersj@yahoo.com.br. Revisão de Agemir Bavaresco (PUCRS), Jozivan Guedes (PUCRS) e Paulo Roberto Konzen (UFRGS).

\* Nota do Tradutor: A tradução de *O Espírito do Cristianismo e o seu Destino* (*Der Geist des Christentums und sein Schicksal*), que ora segue, constitui, no dizer de Dilthey, uma das mais belas passagens escritas por Hegel. No entanto, é questionável se a obra constitui um todo acabado, já que Hegel interrompeu várias vezes sua redação, deixando linhas em branco e reiniciando o parágrafo com uma nova linha de pensamento. Mas, Nohl juntou em um texto homogêneo um composto de cinco fragmentos separados (N, 243-60, 261-75, 276-301, 302-24, 325-42). Pelas pesquisas de G. Schüler e Ch. Jamme, a obra se desenvolve em duas fases distintas, tendo como ponto de partida o outono/inverno de 1798 para 1799, em Frankfurt. É neste período que Hegel procura desvendar a origem da positividade das leis morais religiosas judaicas que o cristianismo procura superar pelo amor. Pelo espírito do cristianismo, Hegel ensaia uma resposta à questão da unidade, que passa a ser veiculada pelos impulsos naturais da vontade. É, por isso, este um período hegeliano denominado de período anímico. A tradução é da seguinte edição alemã: HEGEL, G. W. F. *Frühe Schriften*. Werk 1. Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft: Frankfurt am Main, 1994, p. 397-418. Esta quinta e última parte da tradução consiste em mostrar o esforço de Jesus de Nazaré na luta contra as divisões que conduza à fé no Reino de Deus. Tal esforço se dá pela liberdade, por um sinal do destino, desenvolvendo-se relações que estão para além daquelas do mundo, do Estado e da religião. Estas relações privilegiam a unidade no amor, como não passividade ao destino.

tinham encontrado fé no chamado de Jesus, e desta fé tinham trazido a crença neste mesmo momento no ser aí. Com sua fé teria existido o Reino de Deus. Jesus lhes expressou, propriamente, apenas o que se encontrava não desenvolvido e inconsciente em seus corações; e com o encontrar da palavra, com o chegar da consciência-em-si da necessidade caíram os vínculos, do antigo destino teriam apenas conservado ainda as convulsões da vida extinta, e a nova [vida] seria posta aí. Assim, porém, os judeus queriam, na verdade, algo diferente do que tinham tido até então; mas eles se satisfaziam demasiadamente no orgulho de sua servidão, a fim de encontrar nele o que eles buscavam, diante do que Jesus lhes ofereceu. Sua reação, a resposta que seu gênio deu ao chamado de Jesus, foi uma atenção muito impura; algumas poucas almas puras se uniram ao impulso, para tornar-se formadas nele; com grande bondade, com a fé de um puro visionário, ele tomou seus desejos para satisfazer o ânimo, seu impulso para a perfeição, sua resignação de algumas relações anteriores, as quais geralmente não eram brilhantes, para a liberdade e para o destino reconciliado ou conquistado; pois, logo depois de sua familiaridade com eles, ele os tomou como capazes e seu povo como maduro, a fim de suceder um anúncio mais propagado do Reino de Deus, ele enviou seus discípulos dois a dois pelo mundo, a fim de deixar ressoar e multiplicar seu chamado, porém o espírito divino não falou em sua pregação[;] depois de muitas longas conexões, ainda assim eles pareciam frequentemente uma alma pequena, mínima, mais impura, da qual o divino tinha penetrado apenas poucos ramos. Toda a sua instrução, exceto o negativo que ela contém, era para proclamar a proximidade do Reino de Deus. Eles logo se reúnem novamente com Jesus, e observa-se nenhum efeito da esperança de Jesus e de seu apostolado. A indiferença da recepção de seu chamado logo se transformou em ódio contra ele, cujo efeito sobre ele foi sempre uma irritação crescente contra sua época e seu povo, principalmente contra aquilo no qual o espírito de sua nação residia com mais força e mais paixão, contra os fariseus e os dirigentes do povo; seu tom contra eles não tem nenhuma tentativa para reconciliar-se com eles, para trazer algo ao seu espírito, senão os ímpetos mais violentos de sua irritação contra eles, a descoberta de seu espírito hostil nele; ele age contra estes não mais com a fé na

possibilidade de uma mudança. Quando todo o seu caráter opõe-se a ele [Jesus], assim ele podia, na ocasião, falar com eles sobre assuntos religiosos, não tentar uma refutação e instrução; ele os faz calar apenas mediante *argumenta ad hominem*, que ele lhes dirigiu a verdade oposta aos outros homens presentes. Como isso aparece depois do retorno de seus discípulos a ele (Mateus 11), ele renuncia a seu povo e sentiu (v. 25) que Deus manifesta-se apenas aos homens simples; e ele se restringe agora sobre as práticas dos singulares; e deixa o destino de sua nação permanecer intacta, enquanto ele mesmo se isola deles e arranca deles seus amigos; na medida em que Jesus vê que o mundo não muda, assim ele se distancia dele e de toda relação com ele; tanto ele entra em choque com todo o destino de seu povo, quanto sua atitude com ele parece também contraditória, que ele se comporta passivamente contra o mesmo. Dá a César o que é de César, diz ele, quando os judeus colocaram em discussão o aspecto de seu destino de precisar pagar impostos aos romanos; enquanto lhe pareceu contraditório, que ele e seus amigos também deviam pagar o tributo, que era imposto aos judeus, ele chamou Pedro para pagar sem nenhum embate. Ele mantém com o Estado uma relação singular, detém-se no interior de sua jurisdição, e a consequência deste poder sobre ele o submete à contradição de seu espírito, à consciência que sofre. O Reino de Deus não é deste mundo; somente é para o mesmo uma grande diversidade, se para ele este mundo está presente enquanto oposto ou, se não existente, é apenas possível. Como aquele era o caso e Jesus sofreu com consciência a partir do Estado, assim esta relação perante o Estado já isola uma grande parte da união dos viventes, isola os membros do Reino de Deus de um vínculo importante, que perderam uma parte da liberdade, do caráter negativo de uma união da beleza, de uma quantidade de relações mais ativas, das vinculações viventes; os cidadãos do Reino de Deus tornam-se opostos ao Estado hostil, pessoas privadas que se excluem dele. Esta delimitação da vida aparece, aliás, mais enquanto o poder de uma força estranha reinante sobre coisas externas, o mesmo pode ser renunciado com liberdade, como um roubo da vida – para aqueles, que nunca foram ativos em uma tal união, nunca apreciaram este vínculo e esta liberdade, em particular quando a relação estatal-[civil-]burguesa afeta principalmente

apenas a propriedade. O que se perde no conjunto das vinculações, na variedade de laços felizes e belos, compensa-se mediante o ganho da individualidade isolada e da consciência mesquinha da particularidade. A partir da ideia do Reino de Deus são, na verdade, excluídas todas as relações fundadas por um Estado, as quais se apresentam infinitamente mais inferiores do que as vinculações vivas do laço divino e apenas a partir deste podem ser desprezadas, mas quando ele [o Estado] existia e Jesus ou a comunidade não o podia supracumir, assim permanece o destino de Jesus e de sua comunidade que nisso lhe permanecia fiel na perda de liberdade, uma delimitação da vida, uma passividade no domínio mediante uma força estranha, que se despreza, mas, então, que concedia puramente o pouco que Jesus dela precisava, a existência sob seu povo. – Fora deste lado da vida, que pelo contrário não pode ser chamado de vida, [mas] apenas possibilidade de vida, o espírito [judeu] tinha se apoderado não apenas de toda a modificação da vida, porém também nela tinha se tornado lei enquanto Estado e tinha mutilado as formas mais puras e mais imediatas da natureza em legalidade determinada. No Reino de Deus não se pode dar nenhuma vinculação do que àquela que procede do amor mais desinteressado e, com isso, da mais alta liberdade, que obtém da beleza somente a forma de sua aparição e de sua relação com o mundo. Por causa da contaminação da vida, Jesus podia levar apenas o Reino de Deus aos corações, podia estabelecer com os homens apenas vinculações para formá-los, para desenvolver um bom espírito, que ele acreditava existir neles, – para produzir homens cujo mundo seria somente seu; mas, em seu mundo efetivo, ele precisou fugir de todas as vinculações vivas, porque todos estavam submetidos à lei da morte, os homens estavam presos sob o poder dos judeus; mediante ambos os lados da relação livre, ele entraria em uma ligação com o tecido judeu da legalidade, e para não profanar ou destruir uma vinculação prescrita, ele tinha que se deixar envolver pelos fios de seu tecido, e assim ele podia encontrar a liberdade apenas no vazio, porque cada modificação da vida foi ligada; por isso, Jesus se isolou de sua mãe, de seus irmãos e parentes; ele não devia amar nenhuma mulher, gerar nenhum filho, ser pai de família, ser compatriota, que usufruísse com os outros da vida conjunta. O destino de

Jesus era o de sofrer o destino de sua nação, ou de torná-lo seu e de suportar sua necessidade e de compartilhar sua alegria e de unir seu espírito com os seus espíritos, mas precisava sacrificar sua beleza, sua conexão com o divino, – ou repelir de si o destino de seu povo, a fim de conservar sua vida não desenvolvida e não usufruída em si; em nenhum caso é para satisfazer a natureza, é apenas para preencher cada fragmento dela e também esta [natureza] contaminada, é para trazê-la neste a consciência à plenitude, mas sua forma é para reconhecer apenas como uma sombra brilhante, cuja essência é a suprema verdade, porém é para renunciar o sentimento do mesmo, de sua animação no ato e na efetividade. Jesus escolheu o último destino, a separação de sua natureza e do mundo, e exigiu o mesmo a seus amigos: “quem ama pai ou mãe, filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim”. Mas, tanto mais profundamente ele realizou esta separação, tanto menos ele pode levar a tranquilidade a eles, e sua atividade foi a reação corajosa de sua natureza contra o mundo; e sua luta foi pura e elevada, porque ele reconheceu o destino em toda a sua extensão e se opôs a ele. Sua resistência, e a resistência de sua comunidade fundada por ele, contra a perversidade precisou levar esta perversidade em si mesma e ainda o espírito livre dela para a consciência, e divide-se seu destino; a luta do puro com o impuro é uma visão sublime, que se transforma, porém, logo em algo horrível, quando o sagrado mesmo sofre a partir do não sagrado e quando um amálgama de ambos com a arrogância de se tornar puro se enfurece contra o destino, na medida em que isso mesmo ainda está preso sob ele. Jesus previu todo o horror desta desordem; eu não vim, disse ele, para trazer paz à terra, porém a espada; eu vim para opor o filho contra o seu pai, a filha contra a sua mãe, a nora contra a sua sogra. O que, em parte, foi separado do destino, mas, em parte, está em ligação, com ou sem a consciência desta mistura, precisa se dilacerar e dilacerar a natureza tão terrível, e na mistura da natureza e da não-natureza deve acertar o ataque sobre a última e também sobre a primeira, pisotear o trigo com o joio e ser lesado o mais sagrado da natureza mesma, porque isso é entrelaçado no não sagrado. Ciente das consequências, Jesus não pensou nisso, para moderar sua atividade, para

poupar o mundo de seu destino, para suavizar suas agitações e para deixar-lhe na agonia a fé que consola na inocência.

A existência de Jesus foi, portanto, separação do mundo e fuga dele no céu; restauração da vida que se torna vazia na idealidade; em cada recordação antagônica e aspiração por Deus; mas, em parte, a atividade do divino e, nesta medida, a luta contra o destino, em parte, na propagação do Reino de Deus, com aquela representação, abateu-se e dissipou-se todo o Reino do mundo; em parte, na reação imediata contra a parte singular do destino, assim como precisamente ele lhe esbarrou, – exceto contra a parte do destino, em que o imediato apareceu enquanto Estado e também em Jesus veio à consciência, contra o qual ele se reteve passivo.

O destino de Jesus não foi totalmente o destino de sua comunidade, pois ela foi uma composição muito maior, que, na verdade, viveu na mesma separação do mundo[;] assim cada membro encontrou, porém, muito mais acordo com ele, eles se mantiveram juntos e podiam se manter distantes da efetividade do mundo, e com isso o contato e o choque com ele era menor[;] assim eles sofreram menos dele, viveram menos na atividade negativa da luta, e a necessidade para a vida positiva deveria ser nele maior, pois a comunitariedade do negativo não deu nenhum prazer, não é nenhuma beleza. A supressão da propriedade, a introdução da comunhão de bens, a refeição comunitária pertencem mais ao negativo da união, ao invés de ser uma união positiva. A essência de sua ligação foi a separação dos homens e do amor reciprocamente; ambos estão ligados necessariamente; este amor não deveria e não poderia ser uma união das individualidades, senão a união em Deus, e somente em Deus[;] na fé pode se unir apenas o que se opõe a uma efetividade, o que dela se separa; com isso, foi fixado esta oposição e uma parte essencial do princípio da ligação; e o amor precisaria sempre conservar a forma do amor, da fé em Deus sem tornar-se vivente e se representar nas formas da vida, porque cada figura da vida pode ser apreendida como oposta ao entendimento enquanto seu objeto, enquanto uma efetividade; e a relação contra o mundo precisa tornar-se uma pusilanimidade diante de seus contatos, um medo de cada forma da vida, porque em cada uma delas ela tem a figura e é apenas *umm*

aspecto, deixa apresentar sua falta e esta falta é uma parte no mundo. Assim, a ligação da comunidade não encontrou nenhuma reconciliação do destino, mas encontrou o extremo oposto do espírito judeu, não o meio dos extremos na beleza. O espírito judeu tinha fixado as modificações da natureza, as relações da vida para as efetividades, mas ele não apenas não se envergonhou da inadequação delas enquanto dons do senhor, senão seu orgulho e sua vida estavam na posse das efetividades. O espírito da comunidade cristã viu efetividades igualmente em cada relação que se desenvolvia e em cada vida que se manifestava; mas, como ele enquanto sentimento do amor era a objetividade do maior inimigo, assim ele permaneceu, do mesmo modo, pobre como os judeus, mas ele desprezou a riqueza em vista da qual os judeus queriam servir.

A paixão que despreza a vida pode facilmente converter-se em fanatismo; pois para se manter em sua ausência de vinculação, ela deve destruir aquilo que a destrói e que destrói seu conteúdo, seja isso também o mais puro, para ela está impuro, lesa frequentemente a mais bela vinculação. Os sonhadores de tempos posteriores têm o desprezo de todas as formas de vida, porque eles estão contaminados, tornados numa ausência de forma vazia e incondicionada e em cada impulso da natureza, porque procura em uma forma externa, anuncia a guerra, e quanto mais foi terrível o efeito desta tentativa de suicídio, deste segurar-se na unidade vazia, tanto mais era firme no coração a prisão da variedade; pois, na medida em que a consciência foi apenas uma forma delimitada neles, assim nada lhes resta do que a fuga no vazio mediante atrocidades e devastações. – Mas, como o destino do mundo [tornou-se] grande e se manteve próximo e na Igreja, que com ele é incompatível, assim não se podia mais pensar numa fuga. Os grandes hipócritas tentaram encontrar e manter, por isso, contra a natureza, uma união não-natural da variedade do mundo e da unidade sem vida, de toda relação delimitada legítima e das virtudes humanas com o espírito simples; eles imaginaram para cada ação civil ou para cada externação do prazer e do desejo um refúgio na unidade, a fim de conservar através do engano, ao mesmo tempo, cada delimitação e eles a aproveitam e, simultaneamente, dela escapam.

Na medida em que Jesus desprezou viver com os judeus, mas com seu ideal, ao mesmo tempo, sempre combateu sua efetividade, assim não podia faltar que ele precisava sucumbir entre estes; ele não se afastou deste desenvolvimento de seu destino, mas ele certamente também não o procurou; para cada sonhador, que apenas sonha para si, a morte é bem-vinda, mas para quem sonha um grande plano, pode deixar apenas com dor o palco, sob o qual ele devia se desenvolver; Jesus morreu com a confiança de que seu plano não fosse perdido.

Ao lado negativo do destino da comunidade cristã, que são as modificações da vida que convertem as determinações e as vinculações com eles em crimes, portanto, oposição ao mundo, opõe-se o lado positivo, o vínculo do amor. Através da extensão do amor sobre toda a comunidade resulta o caráter da mesma, que ela não é uma união viva da individualidade, senão que em seu prazer delimita-se a consciência recíproca, que eles se amam. – A perda do destino através da fuga na vida incompleta facilitou aos membros da comunidade que eles constituíssem uma comunidade, que contivessem em si todas as formas de vida umas contra as outras, ou eles apenas se determinavam através do espírito universal do amor, isto é, que não vivem nessas formas. – Este amor é um espírito divino, mas não ainda religião; pelo fato de que ele precisaria, ao mesmo tempo, manifestar-se numa forma objetiva; ele [o amor], um sentimento, algo subjetivo precisaria amalgamar-se com o representado, o universal e, com isso, ganhar a forma de um ser capaz de adoração e dignidade. Esta necessidade de unir o subjetivo e o objetivo, o sentimento e a exigência dos mesmos para os objetos, o entendimento através da fantasia em um belo, em um Deus, esta necessidade, que é o mais elevado espírito humano, é o impulso para a religião. Este impulso da comunidade cristã podia não ser a satisfação da fé em Deus; pois precisaria encontrar em seu Deus apenas seu sentimento comum; no Deus do mundo todos os seres são unidos; os membros da comunidade são como tais não nele; sua harmonia não é a harmonia do todo, senão que eles constituem nenhuma comunidade particular, porém que eles não foram ligados reciprocamente através do amor;

a divindade do mundo não é a manifestação do seu amor, de seu ser divino. A necessidade de Jesus para a religião satisfaz o Deus do todo; pois sua visão para ele foi seu constante choque com o mundo, sua fuga diante dele; ele precisou apenas da oposição ao mundo, no qual sua oposição mesma foi estabelecida; ele era seu pai, ele era um com ele. Mas, na sua comunidade desapareceu mais o constante embate com o mundo, ela viveu sem a luta ativa contra ele e foi feliz neste ponto, não se tornou constantemente irritada com ele e, por isso, não precisou simplesmente fugir do oposto, de Deus; porém, ela encontrou em sua comunitariedade, em seu amor, um prazer, um real, um modo de relação viva; apenas aí cada vinculação é oposta ao recebido, o sentimento ainda tem a efetividade ou, em linguagem subjetiva, tem a faculdade do entendimento da mesma como oposto, assim precisa ser completada sua falta em ambas as uniões. A comunidade tem a necessidade de um Deus, que é o Deus da comunidade, na qual justamente está constituído um ao outro o amor exclusivo, seu caráter, sua vinculação; não como um símbolo ou alegoria, não como uma personificação de um ser subjetivo, junto ao qual fosse consciente da separação dela mesma de sua [figura] apresentada, porém, ao mesmo tempo, no coração, é simultaneamente o sentimento e o objeto; sentimento enquanto espírito, que o penetra todo e permanece *uma* essência, quando também cada [indivíduo] singular se torna consciente de seu sentimento enquanto sua singularidade.

Um círculo do amor, um círculo das almas, que renunciam reciprocamente seus direitos em todo particular e apenas através da fé comunitária e da esperança são unidos, cujo prazer e alegria somente é esta unanimidade pura do amor, é um pequeno Reino de Deus; mas, seu amor não é religião, pois a unidade, o amor dos homens não contém simultaneamente a apresentação desta unidade. O amor os une, mas os amantes não reconhecem esta união; onde a reconhecem, reconhecem-na separada. Pelo fato de que o divino aparece, o espírito invisível precisa ser reunido com o visível, de modo que todos em um [espírito], um conhecimento e sentimento, que é uma síntese completa, uma harmonia perfeita, sejam harmonia e um ser harmonioso. Senão, permanece um impulso em vinculação com o todo da natureza

separada, que pode tornar-se muito pequeno para a infinitude do mundo e muito grande para sua objetividade e não pode ser satisfeita; permanece o impulso indelével e insatisfeito para Deus.

Após a morte de Jesus, seus discípulos ficaram como ovelhas que não tem pastor; foi-lhes morto um amigo, mas eles tinham também esperado que ele fosse aquele que libertasse Israel (Lucas 24,21), e esta esperança desapareceu com sua morte; ele tinha levado tudo consigo ao túmulo; seu espírito não permaneceu neles<sup>2</sup>. - Sua religião, sua fé numa vida pura, atribuíram a um indivíduo, Jesus; ele foi seu vínculo vivo e a forma divina revelada, nele lhes apareceu também Deus, seu indivíduo unia para eles o indeterminado da harmonia e o determinado em um ser vivo. Com sua morte foram repelidos na separação do visível e do invisível, do espírito e do efetivo. Na verdade, a recordação neste ser divino, mas agora distante deles, permaneceu neles; o poder que sua morte exerce sobre eles se debilitou neles com o tempo, a morte não permaneceu para eles uma mera morte, a dor sobre o corpo morto pouco a pouco é retirada da contemplação de sua divindade; e o espírito incorruptível e a imagem mais pura da humanidade emergiram para eles de seu túmulo; mas a veneração deste espírito, o prazer da contemplação dessa imagem permaneceu na recordação da vida desta imagem[;] este espírito sublime tinha tido, em sua existência desaparecida, sempre sua oposição; e a presença da mesma diante da fantasia fora ligada com uma nostalgia, que apenas a necessidade da religião designou, porém a comunidade não tinha tido seu próprio Deus.

Para a beleza, para a divindade, para a imagem faltou a vida; ao divino na comunidade do amor, à vida, faltou imagem e forma. Mas, no ressuscitado e, então, no elevado ao céu, a imagem encontrou novamente a vida e o amor encontrou de novo a representação de sua unidade; neste novo enlace do espírito e do corpo, desapareceu a oposição do vivo e do morto, e se reuniu em

---

<sup>2</sup> [Riscado]: Dois dias depois de sua morte Jesus ressurgiu da morte, e a fé retorna aos seus corações, e logo o Espírito Santo vem sobre eles, e a ressurreição tornou-se o fundamento de sua fé e de sua salvação. Como o resultado desta ressurreição é tão grande, que tornou este acontecimento o centro de sua fé, então a necessidade da mesma precisava ser muito profunda neles.

um Deus; a nostalgia do amor se encontrou mesmo como essência vivente e pode, então, desfrutar de si mesmo, cuja veneração é, então, a religião da comunidade; a necessidade da religião encontra sua satisfação neste Jesus ressuscitado, neste amor configurado. A consideração da ressurreição de Jesus como um acontecimento é o ponto de vista do historiador, que nada tem a ver com a religião[;] a crença ou descrença na mesma, como mera efetividade sem o interesse da religião, é uma coisa do entendimento, cuja eficácia, fixação da objetividade é justamente a morte da religião, e para designar o que se chama abstrair da religião. Mas, certamente, o entendimento parece ter um direito de dizer algo, posto que o lado objetivo de Deus não é uma mera forma do amor, porém subsiste para si mesmo e como uma efetividade no mundo das efetividades mantém um lugar. E, por isso, é difícil conservar o lado religioso do Jesus ressuscitado, o amor configurado em sua beleza; pois, somente através de uma apoteose que ele se tornou Deus, sua divindade é também uma deificação de algo como um existente efetivo; ele viveu como um indivíduo humano, morreu na cruz e foi sepultado. Esta mácula da humanidade é algo bem diferente da forma que é própria a Deus; o lado objetivo de Deus, sua forma é tão somente objetiva, que é apenas a representação do amor que une a comunidade, é apenas a pura oposição da mesma e nada contém que não esteja no amor mesmo, porém aqui apenas como oposto ao que não seria simultaneamente sentimento. Assim, porém, para a imagem do ressuscitado, para a imagem da união que se tornou essência, agrega-se algo diferente, completamente objetivo, individualizado, que se torna aliado com o amor, mas que deve permanecer solidamente fixado para o entendimento como algo individualizado, como algo oposto, que é, por causa disso, uma efetividade sempre pendente de ser deificada tal como o chumbo aos pés, que lhe puxa para a terra; pois [então] o Deus devia estar no meio entre céu-infinito, o indelimitado e a terra, entre esta reunião de puras delimitações. Ela não pode tirar da alma a dualidade das naturezas. Assim como Hércules através da pira funerária, o deificado também apenas através de um túmulo se elevou à condição de herói; mas lá [em Hércules] as orações são dedicadas à coragem configurada, [estão] somente voltadas para Deus, não mais para heróis

combatentes nem servidores, aqui [pelo contrário] os altares não consagram somente o herói; o ressuscitado não é somente a salvação dos pecadores e o reavivamento de sua fé; o mestre e o convertido e o pregado na cruz também serão venerados. Esta é uma união grandiosa, sobre a qual desde milhões de séculos as almas que buscam a Deus têm lutado e se martirizado.

Isso não é a forma da servidão, a humilhação mesma, na qual como envoltório do divino se encontra o impulso para a religião, se a efetividade contenta-se com isso, para ser e passar o envoltório; porém, assim, para pertencer à sua essência, ela deve ser ainda firme e constante em Deus e a individualidade deve ser o objeto de adoração; e o envoltório da efetividade é despojado no túmulo, a partir do túmulo novamente ressurgue e se juntou a Deus enquanto ressuscitado. Esta triste necessidade da comunidade por algo efetivo depende profundamente de seu espírito e de seu destino. Seu [amor] traz à consciência, em cada forma de vida, um objeto e ele, o amor desprezado, assim, se reconheceu a si mesmo enquanto configurado no ressuscitado; mas, ele não foi, para ele, meramente o amor; pois o seu amor, separado do mundo, não se manifestou no desenvolvimento da vida, nem em suas belas vinculações e na formação das relações naturais, posto que o amor devia ser amor e não o viver, assim precisaria existir um critério qualquer de conhecimento do mesmo para a possibilidade da fé recíproca nele. Porque o amor mesmo não fundou a união consistente, assim se necessitou de um outro vínculo que ligasse a comunidade e no qual ela encontrou simultaneamente toda a certeza do amor; ela precisou se reconhecer em uma efetividade. Esta foi, então, a igualdade da fé, a igualdade que adotou uma doutrina, para ter um mestre e professor comum. Este é um lado característico do espírito da comunidade, que o divino, que os une, tinha a forma de um dado para eles. Nada será dado ao espírito, à vida; o que ele adquiriu, isso que ele mesmo se tornou, isso que nele mudou, isso é agora uma modificação do mesmo, que é sua vida. Mas, na ausência de vida do amor da comunidade permaneceu tão insuficiente o espírito de seu amor, sentiu-se tão vazio, que ele não podia reconhecer o espírito, que o dirigia, não pleno em si, não vivo em si, e lhe permaneceu estranho. Uma ligação com um estranho e enquanto espírito que se torna estranho é a

consciência da dependência dele; posto que o amor da comunidade, por uma parte, ignorou a si mesmo, na medida em que ele se propagou sobre toda a coletividade dos homens, e, por conseguinte, por outra parte, tornou-se, de fato, pleno no conteúdo idealista, porém se perdeu na vida[;] assim, o ideal do amor não cumprido não era algo positivo para ele[;] ele se reconheceu como oposto e como dependente dele; em seu espírito permaneceu a consciência de discípulo e de um senhor e mestre; seu espírito não foi manifestado plenamente no amor configurado; o aspecto desse espírito, a fim de receber, aprender e permanecer de modo mais profundo enquanto mestre, encontrou a sua representação somente na forma do amor, quando foi ligado com esta simultaneamente uma efetividade, que se defrontou com a comunidade. Esta elevada oposição não é a sublimidade de Deus, que esta tem necessidade, porque nele o singular não se reconhece enquanto igual a ele, porém nele está contido todo o espírito da totalidade unida, - porém ela é algo positivo, objetivo, que é tanto estranho, que tem domínio em si, quanto é dependência no espírito da comunidade. Nesta comunidade da dependência, para ser a comunidade mediante um fundador, nesta interferência de algo histórico, efetivo, a comunidade reconheceu, em sua vida, seu vínculo real, a segurança da união, que não podia ser sentido no amor sem vida.

Este é o ponto em que a comunidade, que no amor que se mantém puro, fora de toda aliança com o mundo, parece escapar de todo destino, foi removida dele, mas de um destino cuja referência da extensão a uma comunidade foi um amor que foge de todas as vinculações, que tanto mais se desenvolveu, em parte, na extensão da comunidade mesma, em parte, mediante esta extensão que sempre mais se encontrou com o destino do mundo, tanto por adotar em si inconscientemente muitos aspectos deste, quanto por lutar contra o mesmo, sempre mais se contaminou.

O objetivo não divino, para o qual é exigida também adoração, mediante todo brilho, nunca é irradiado para um divino.

De fato, o homem Jesus também é cercado de fenômenos celestes; em seu nascimento atuaram os seres mais elevados; ele mesmo uma vez é transfigurado em uma forma de luz radiante. Mas, também estas formas do

celeste estão apenas fora do efetivo, e os seres divinos apenas servem ao indivíduo para fazer diminuir tanto mais o contraste aos olhos. Menos ainda que esta auréola passageira, as atividades podem ser observadas como divinas e surgem dele mesmo, elevar nele a mais alta forma; os milagres, que não pairam meramente em torno dele, porém que procedem de sua força interna, parecem atributos dignos de um Deus, para caracterizar um Deus, nele o divino aparece unido com o objetivo e, com isso, é suprimida a oposição dura e o mero vínculo aqui oposto; cada ação milagrosa realiza o homem, ele e o divino aparecem inseparáveis. Quanto mais próximo é o vínculo, que não se torna uma união, tanto mais sobressai difícil o não natural dos opostos vinculados.

No milagre, enquanto ação, é dada ao entendimento uma conexão de causa e efeito e é reconhecido o domínio de seus conceitos; mas, ao mesmo tempo, com isso, é destruído seu domínio, pelo fato de que a causa não é algo tão determinado quanto o efeito, porém deve ser um infinito; dado que a conexão de causa e efeito no entendimento é a igualdade da determinidade, sua oposição, que é uma atividade desta determinidade, está apenas em outros sofrimentos, – aqui [porém] um infinito deve ter, ao mesmo tempo, na ação mesma, com a atividade infinita, um efeito mais delimitado. Não a supressão do domínio do entendimento, porém isso que é, *simultaneamente*, estabelecido e supressão, é o não natural. Então, assim como, por um lado, o colocar de uma causa infinita contradiz o colocar de um efeito finito, do mesmo modo o infinito suprassume o efeito determinado. Lá, a partir do ponto de vista do entendimento observado, o infinito é apenas um negativo, o indeterminado, no qual foi ligado um determinado; aqui, a partir do lado do infinito enquanto um sendo que é um espírito, que atua, e a determinidade do efeito de um espírito é seu lado negativo; apenas a partir um outro ponto de vista, sua ação, na comparação, pode aparecer determinada, em si, segundo seu ser, ela é a supressão de uma determinidade e em si infinita.

Quando um Deus atua, isso é apenas de espírito para espírito; a atividade pressupõe um objeto, sob o qual se atua; mas o efeito do espírito é a supressão do mesmo. O manifestar do divino é apenas um desenvolvimento, na medida em que isso suprassume o oposto, representa-se a

si mesmo na união; mas, nos milagres, o espírito aparece sobre o corpo que atua, a causa não fora um espírito configurado, cuja forma meramente é considerada em sua oposição, enquanto corpo, um outro igual e oposto podia entrar na conexão de causa e efeito; esta conexão fora uma coletividade de espírito, na medida em que é apenas espírito, enquanto ele nada tem em comum com o corpo, e uma coletividade de corpo, enquanto é corpo, porque nele nada há de comum com o espírito, [pois] espírito e corpo nada têm em comum; eles são absolutamente opostos. Sua união, na qual cessa sua oposição, é uma vida, isto é, espírito configurado; e quando este, enquanto divino, atua não separado, assim seu atuar é um enlace com seres afins, com o divino, e produção, desenvolvimento de algo novo, a representação de sua união; mas, na medida em que o espírito atua em um outro, na forma oposta enquanto inimigo, enquanto dominado, assim ele esqueceu de sua divindade. Por isso, os milagres são a representação do não divino, porque eles não são naturais e mantêm a oposição mais dura do espírito e do corpo ligada em toda a sua rudeza monstruosa. O agir divino é reparação e representação da unidade; o milagre, o mais elevado dilaceramento. Portanto, a esperança despertada, com o transfigurar, de elevar para Deus o Jesus sublimado na efetividade socializada através das atividades maravilhosas deste efetivo para a divindade, torna-se, assim, de modo algum cumprida, posto que ela aumenta muito mais as durezas deste atributo de um ser efetivo. Então, ela é, para [nós], algo muito maior do que para os membros da primeira comunidade cristã, posto que nós temos mais entendimento do que eles, os quais, influenciados pelo espírito oriental, realizaram muito menos a separação do espírito e do corpo, se entregaram menos ao entendimento do que aos objetos. Onde nós reconhecemos a efetividade determinada, a objetividade histórica com o entendimento, aí está frequentemente o espírito para ela; e onde nós apenas colocamos o espírito puro, aí ele ainda está para eles incarnado. Um exemplo deste último modo de ver é a forma pela qual eles [tomam] isso que nós nomeamos imortalidade, e, de fato, imortalidade da alma; ela lhes aparece como uma ressurreição do corpo; ambos os aspectos são os extremos entre o espírito grego; o primeiro é o extremo da razão, que é uma alma, um negativo contra todo o entendimento,

e seu objeto, oposto ao corpo morto[;] o segundo é, por assim dizer, o extremo de um poder positivo da razão, que coloca o corpo enquanto vivo, durante o mesmo tempo em que eles o tomaram por morto; na medida em que permanece o corpo e a alma gregos em *uma* forma viva, em ambos os extremos, pelo contrário, a morte é uma separação do corpo e da alma, e em uma alma não há mais corpo, em um outro corpo também está permanentemente sem vida. Em outro, onde nós reconhecemos apenas com o entendimento e o efetivo – o que equivale ao mesmo – ou reconhecemos algum espírito estranho, os primeiros cristãos introduzem seu espírito. – Nas Escrituras dos judeus, vemos histórias passadas, situações individuais e espíritos desaparecidos dos homens, nas ações do culto divino judeu, vemos agir ordenado, cujo espírito, para nós, não é mais fim e pensamento, não tem mais nenhuma verdade; para eles, tudo isso tinha ainda verdade e espírito, mas *sua* verdade, *seu* espírito, eles não tornaram algo objetivo. O espírito, que eles colocam no lugar dos profetas e dos outros livros judeus, não é tão pouco, em seu sentido, na consideração acerca dos profetas, a opinião de encontrar neles a predição das efetividades, nem, de sua parte, a aplicação da afetividade. Há um pairar incerto e amorfo entre efetividade e espírito; de um lado, é considerado apenas o espírito na afetividade, por outro lado, a afetividade mesma é existente como tal, mas não fixa. Em um exemplo apresentado, João (12,14 s) se refere à circunstância de que Jesus entrou em Jerusalém sobre um jumento, uma expressão dos profetas, cujo entusiasmo ele viu em um tal cortejo[;] João deixa encontrar sua verdade no cortejo de Jesus. As provas, que de modo semelhante, em parte, conduzem os livros judeus erroneamente contra o sentido das palavras dos textos originais, em parte, contra seu sentido, que elas recebem através de sua conexão, são esclarecidas, em parte, sobre todas as outras efetividades, se referem simultaneamente aos profetas, às circunstâncias e aos homens, em parte, é apenas o entusiasmo isolado dos profetas, - toda esta prova encontra apenas a efetividade da vinculação, que o apóstolo coloca entre eles e as circunstâncias da vida de Jesus, não sua verdade e espírito, tanto menos que sua verdade é evidente na aceitação rígida e objetiva, que as palavras efetivas e as visões dos profetas são expressão anterior da efetividade

posterior. O espírito de vinculação, que os amigos de Cristo encontram entre a história dos profetas e o acontecimento de Jesus, fora concebido de modo fraco, quando eles apenas foram colocados na comparação da semelhança das situações, em uma comparação, como nós frequentemente agregamos a representação de uma situação à expressão determinada do escritor antigo. João diz, no seu exemplo acima citado, expressamente que os amigos de Jesus reconheceram estas vinculações somente depois de Jesus se transfigurar, depois que o espírito veio sobre eles; João viu uma mera noção, uma mera semelhança da diversidade dessa vinculação, assim não necessitou desta observação; mas, assim, no espírito de cada visão dos profetas e desta circunstância [está] unida uma ação de Jesus; e aí a vinculação está apenas no espírito, assim não se realiza a consideração objetiva do mesmo como de uma reunião de algo efetivo, algo individual. Este espírito, que fixa tão pouco o efetivo, ou para torná-lo algo indeterminado, e nada individual, porém reconhece nisso algo espiritual, é particularmente também evidente em João 11,51, em que João lembra a máxima de Caifás e sua aplicação, de que seja melhor *um* homem morrer pelo povo, do que este como um todo cair em perigo, pelo fato de que Caifás não falou isso por si mesmo, enquanto indivíduo, senão como sumo sacerdote em entusiasmo profético (προεφήτευσεν). O que nós poderíamos ver sob o ponto de vista de um instrumento da providência divina, nisso João viu um cumprimento do espírito, aí o caráter da consideração de Jesus e de seus amigos não podia ser tão oposta do que o ponto de vista de tomar tudo por máquina, ferramenta, instrumento, senão era muito mais a fé mais elevada no espírito; e aí, onde se vê a unidade da reunião das ações, as quais carecem para si singularmente desta unidade, da intenção de todo o efeito, e a estas ações (como aquela de Caifás) vós vos sujeitais, a partir da qual vós fostes conduzidos e dominados sem consciência em sua vinculação sobre a unidade, enquanto considerados efetividade e instrumento, João vê a unidade do espírito e nesta ação mesma vê o espírito de todo efeito agindo; ele fala de Caifás enquanto ele mesmo repleto do espírito, no qual encontrou a necessidade do destino de Jesus.

Assim, visto com a alma dos apóstolos, os milagres também perdem a dureza, a qual tem a oposição do espírito e do corpo neles para nós, posto que é evidente que falta para aquele o entendimento europeu, que extrai todo o espírito do que vem à consciência e o fixa nas objetividades absolutas, no puro e simples espírito das efetividades opostas, pelo fato de que cada conhecimento é muito mais um flutuar indeterminado entre efetividade e espírito, que, de fato, separa a ambos, mas separa tão irrevogavelmente, que, então, de resto, não se funde na natureza pura, porém já produziu mesmo a oposição clara, que precisa ser o maior desenvolvimento de uma cópula do vivo e do morto, do divino e do efetivo, que através da unificação do Jesus efetivo com o transfigurado, com o divinizado, mostra a satisfação ao impulso mais profundo para a religião, mas não continuou, e a tornou uma nostalgia infinita, inextinguível e insaciável; pois, na sua mais elevada paixão, no êxtase das almas mais finamente organizadas e que respiram o mais elevado amor, a nostalgia rivaliza sempre com o indivíduo, com algo objetivo, algo pessoal, segundo a reunião com a qual anseia toda a profundidade de seu belo sentimento, mas, tal reunião, porque é um indivíduo, [é] eternamente impossível, posto que sempre permanece rival a eles, permanece eterno em sua consciência, e a religião nunca torna-se vida completa.

Em todas as formas da religião cristã, que se tem desenvolvido no destino contínuo do tempo, repousa esta característica fundamental da oposição no divino, que somente deve estar na consciência, nunca existir na vida, – a partir das uniões extasiadas do sonhador, de toda variedade de vida, também dos mais puros, nos quais o espírito de si mesmo desfruta, renuncia e é apenas consciente de Deus, assim apenas na morte podia eliminar a oposição da personalidade, até a efetividade da consciência mais variada, a união com o destino do mundo e a oposição de Deus contra o mesmo, – ou a oposição sentida em todas as ações e exteriorizações da vida, que adquire sua legitimidade através do sentimento de servidão e vacuidade de sua oposição, como na Igreja Católica, ou a oposição de Deus no mero pensamento mais ou menos piedoso, como na Igreja Protestante, – ou a oposição de um deus que odeia a vida, enquanto uma infâmia e um crime, segundo algumas seitas da

mesma [Igreja Protestante], ou [a oposição] de um [Deus] benevolente contra a vida e suas alegrias, enquanto mero recebimento, benefícios e presentes dele, como mera efetividade, na qual, então, também é degradada sua forma espiritual na ideia de um homem divino, o profeta, etc., a fim de degradar a consideração histórica objetiva –: entre esses extremos da variedade ou a consciência reduzida da amizade, do ódio ou da indiferença contra o mundo, entre esses extremos, que se encontram no interior da oposição de Deus e do mundo, do divino e da vida, a Igreja cristã anda para frente e para trás no círculo, mas isso é contra seu caráter essencial, de encontrar repouso numa beleza viva impessoal; e isso é seu destino, posto que Igreja e Estado, culto e vida, piedade e virtude, agir espiritual e agir mundano nunca podem se fundir numa unidade.

#### **Referências Bibliográficas:**

DILTHEY, W. *Die Jugendgeschichte Hegels*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1963.

JAMME, Ch. (Hrsg.). "*Frankfurt aber ist der Nabel dieser Erde*". Die Schicksale einer Generation der Goethezeit. Stuttgart, Klett-Cotta, 1983.

SCHÜLER, G. *Zur Chronologie von Hegels Jugendschriften*. Hegel-Studien 2 (1963), p. 111-159.

Data de Recebimento: 06/07/2013

Data de Aprovação para Publicação: 17/07/2013